



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS-I
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CEDUC-2013
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS-DFCS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA (LICENCIATURA PLENA)**

NILSON CORREIA NÓBREGA

**O LUGAR DO MATEMÁTICO ENQUANTO QUESTÃO FUNDAMENTAL
DA FILOSOFIA: DO MÉTODO AO CONHECIMENTO**

CAMPINA GRANDE-PB

2014

NILSON CORREIA NÓBREGA

O LUGAR DO MATEMÁTICO ENQUANTO QUESTÃO FUNDAMENTAL
DA FILOSOFIA: DO MÉTODO AO CONHECIMENTO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba,
como pré-requisito para a obtenção da graduação em
Filosofia sob a orientação do prof. Dr. José Arlindo da
Aguiar Filho.

CAMPINA GRANDE-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N754l Nóbrega, Nilson Correia.
O lugar do matemático enquanto questão fundamental da filosofia [manuscrito] : do método ao conhecimento / Nilson Correia Nóbrega. - 2014.
50 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. José Arlindo Aguiar Filho, Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1. Filosofia. 2. Método matemático. 3. Filosofia de Heidegger. 4. Dasein. 5. Ontologia. I. Título.

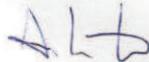
21. ed. CDD 100

NILSON CORREIA NÓBREGA

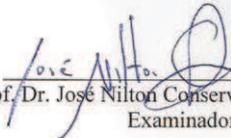
**O lugar do matemático enquanto questão fundamental da
filosofia: do método ao conhecimento**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Filosofia.

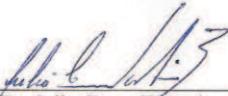
Aprovado em 21/05/2014.



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Orientador



Prof. Dr. José Nilton Conserva Arruda / UEPB
Examinador



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que me acompanham na feliz missão, que reflete na busca do “exercício” da filosofia.

À minha querida família.

Aos amigos, um em especial que pelo curso da vida, nos deixa. *In memoriam* de Olívio Bandeira Neto, que junto ao exercício da arte e do espírito verdadeiro e singular, lança a essência do ser humano que nos coloca a refletir sobre a condição da vida, algo como “no mundo” lança e rege a nossa história.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, primeiramente, pela saúde e paz.

Aos referidos autores em que busquei, pela “concordância”, “colocar” em evidência da proposta.

Ao prof. José Arlindo de Aguiar Filho pelas correções ao longo da orientação.

Agradeço também a minha adorável companheira Samara Diniz que sempre esteve ao meu lado.

Em especial a minha mãe Antonia F^a Correia e minha sogra D. Margarida Diniz pela grande ajuda e força nas minhas ações.

As minhas filhas Quesia e Sophia por serem a grande força que me move para frente.

A meu pai, José Nilson A. Nóbrega.

Ao Bruno Trompete, e com ele a gama de amigos que me acompanham nesses ensaios filosóficos da vida.

A música...

RESUMO

Partindo de uma analítica existencial que evolui e efetiva uma unidade do mundo apresentado como processo participativo, encontramos especialmente na filosofia de Heidegger, o exercício ontológico que efetiva a essência da verdade, sustentada pelo método matemático, atuante por um reparo do condicionamento do conhecimento. Por vez, trataremos da verdade do mundo como relação efetivada pelo próprio homem. Assim, partiremos de um termo técnico-*Dasein*-, do qual, surge como uma linguagem particular do filósofo, que efetiva e determina o mundo em sua condição de verdade. Deste modo, encontramos o mundo desvelado, e, por este, que nos leva a superação da identidade do ser determinado no mundo. Efetivaremos pelo método, o encontro da condução do resgate ontológico do mundo como forma desvelada, e sob a “clareira”, que se abrigou nas condições do conhecimento a sua forma dada. A compreensão dos estímulos do conhecimento enquadra pelo aprender e ensinar um condicionamento à formação do indivíduo. Este exercício da consciência encontra no ser-*aí (Dasein)*, o mundo determinado; um condicionamento que reconhece a propriedade investida do mundo. Por isso, dizemos que este processo participativo que desejamos aqui efetivar pela linguagem do mundo, a clareira do conhecimento como verdade. Este estudo tem como característica fundamental, tratar da condição do método matemático como meio que nos leva a prova da essência. Uma verdade que reconhece no fundamento o ser que se desvela para o homem. Encontrando no *λόγος*, a própria composição da verdade determinada pela linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: verdade, conhecimento, linguagem, *dasein*.

ABSTRACT

Based on the existential analysis which involves and actualizes one unity of the world presented as participatory process, we find especially on Heidegger's philosophy, the ontological exercise that puts into practice the essence of existence sustained by the mathematical method performed by a repair of the conditioning of knowledge. Therefore, the following work deals with the truth of the world as a relation effected by the man himself. Thus, we will depart from a technical term "*Dasein*" which comes up as one particular language from the philosopher, who actualizes and determines the world on its truth condition. Thus, we find the unveiled world, which guides us through the overcoming of identity from the determined being in the world. We will perform based on the method, the meeting of the conduct of ontological redemption as one unveiled form, and under the "clearing" that sheltered in the knowledge conditions to its given shape. The understanding of knowledge stimulus is enframed by learning and teaching one conditioning to the subject formation. This exercise of awareness finds in the being-ai (*Dasein*) the world that is determined by this conditioning which recognizes as an invested property of world. Thus, we state that this participative process which we intend to actualize by the language of the world the clearing of knowledge as the truth. This study has as its fundamental features, dealing with the condition of the mathematical method as a way which takes us to the proof of essence. A truth which recognizes in the fundament the being who is unveiled to the man. Finds in the *λόγος* the composition of truth itself determined by the language.

KEY WORDS: truth, knowledge, language, dasein.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. A VERDADE COMO QUESTÃO ONTOLÓGICA: O FENÔMENO DO SER COMO CONSCIÊNCIA DO DASEIN.....	14
1.1. A VERDADE COMO FUNDAMENTO DO SER.....	17
1.2. DA RELAÇÃO ENTRE A VERDADE E MUNDO: “UM JUÍZO DA CONDIÇÃO DO FENÔMENO PARA A VERDADE”.....	24
2. O CONCEITO DE MATEMÁTICO E SUA RELAÇÃO COM O MÉTODO.....	33
CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Sobre a proposta do conhecimento, e este de modo dado, encontramos pela procedência do método matemático como condicionamento pelo qual relaciona com a efetivação da existência. Das “coisas” desveladas como fenômeno, nos coloca diante do interesse da verdade, do qual encontramos o ser como propriedade do mundo. Deveremos então aqui esclarecer o interesse de uma propriedade que traz o homem como ser do *Dasein*¹, de onde, nos leva para o discurso da clareza que envolve a proposta como condição do resgate ontológico do ser; uma verdade que emerge pelo conhecimento da determinação do mundo².

A condição principal da determinação da essência ontológica do ser se faz presente pela efetivação do que encontramos como expressão da comum unidade, da qual, traz pela essência do ser a verdade. Tal compreensão caminha inevitavelmente para a investitura do conhecimento que reconhece o ser como verdade desvelada no mundo. Disto seguiremos uma proposta ontológica que, pela história, especialmente destacada na filosofia alemã, se apresenta como forte inspiração aos moldes da analítica existencial do ser.

Pela aproximação da questão na corrente existencial, especialmente encontrada nas obras do filósofo alemão, Martin Heidegger (1889-1976), por vez, nos insere num movimento que trata de resgatar o sentido de um ser no mundo, assim, como parte “funcional” para todo o entendimento. Desta certa forma, veremos um exercício que nos conduz a proposta que tem como principal propósito: resgatar o caráter ontológico do mundo pelo o ser que se apresenta. Pois que, identificar a existência do ser em seu fundamento como fim, encontra-se, no reflexo da nossa questão, por uma procedência que dá o lugar a efetivação do método matemático, onde, condicionado por um posicionamento que nos leva à consciência do *Dasein* (ser-aí) como coexistência exteriorizada do mundo. Uma exposição que se apresenta para a formação da efetivação trazida pelo método, de modo que encontramos a condição que viabiliza o

¹ Do termo *Dasein* que em alemão, aplica-se como desvelado: ser-aí, existência. Quando utilizamos, pode-se dizer da peça que edificou-se como “eixo principal” da proposta de uma filosofia existencialista. Trabalhado neste primeiro momento, seguindo da exposição do fundamento para uma efetivação da condição da verdade como efetiva no mundo.

² O inteligível é concebido na matriz do olhar sensível e da luz, é o que ‘vê-com-os-olhos-da-alma’ o *eidos* das coisas ou entes, vivos ou não. Platão conceberá a Ideia eterna de que o *eidos* (forma, aspecto) de cada coisa é cópia, Aristóteles definirá a *ousia*, substância e essência, idêntica nos entes da mesma espécie. O que é comum aos dois filósofos tão diferentes é a definição do ente, a sua delimitação dos outros, a causa dele, Ideia ou *ousia*, implicar uma Causa original, de ordem divina. A definição, dando univocamente a essência doente subsistente, implica uma concepção de verdade como exactidão, *homoios*, igualdade, adequação (como traduzirão os latinos) entre a definição e o ente que ela define. Heidegger pensador da terra; O ideal filosófico. Fernando Belo, p.8.

exercício de um resgate ontológico do mundo³. Assim, colocamos o ser como objeto para a compreensão da participação do “eu” que o efetiva por esta relação direta; um exercício para a formação como aprendizado. Ou seja, o mesmo que apreender por comunicar de modo que se ergueu, por um mesmo efeito: a pluralização do conhecimento, do que pode ser ensinado. Sobre aquilo que pode ser prendido.

Por esta relação, apresentamos o modo que colocamos o seu sentido factual, e que encontramos aqui a mesma participação dada no fenômeno. Pois, tal relação com o próprio mundo, parte se dá, pela necessidade que caracteriza a busca do sentido da existência. Reparo que, neste breve estudo, colocamos como modo efetivo do método faz desta, causa conferida ao sujeito que encontra o ser por uma linguagem de modo determinado. O mesmo que em seu fim, seja esta na finalidade do mundo interpretado pelo encontro da condição formadora do fundamento⁴.

O conhecimento que funda o ser como verdade é convertido pela valoração das atribuições fundadas, de modo que emergem, por competências conferidas ao método, um alcance feito pelo sujeito no seu ensino e aprendizagem determina a própria exposição reveladora do mundo.

Sustentar esta proposta nos coloca diante de uma finalidade que traz como processo de formação do sujeito, o que se compreende como exercício efetivo do próprio mundo. Assim, a essência do método do matemático, eleva o ser como resgate da verdade ontológica do mundo.

Um verdadeiro sentido da causa como fim, faz da efetivação do ser no mundo, valor que se aplica ao reconhecimento de um mundo pré-estabelecido; o conhecimento torna-se parte desta perspectiva, colocando na consciência a condição universal. Colocando assim, em nossa proposta uma ligeira pretensão conduzida por reconhecer o mundo o seu movimento ascendente.

O método do matemático aproxima o posicionamento da condição do ser no mundo como desdobramento que parte de um dá-se, na comunicação, em seu sentido privilegiado e desvelado no mundo como conhecimento.

Parte disto, falamos de um exercício da consciência do *Dasein*, identificado por parte

³Objetivo do mundo→conhecimento→ ser→sujeito para o mundo (objeto). Aqui, existe um retorno à objetivação própria da condição exposta no mundo.

⁴ O sendo por uma composição da verdade “assistida” por uma presença do mundo, erguido pela participação do ser que efetiva aquilo que colocamos como consciência. Reconhece a verdade numa presença bem próxima do exercício “*a posteriori*”: “a reflexão, convergida para o reconhecimento da possibilidade efetiva do ser no mundo.

da proposta do primado ôntico⁵, que nos coloca pelo método o meio de se chegar à condição da verdade. Como também a sua prova trata do ser do mundo como fenômeno do ser-aí (*Dasein*).

Desta forma trazemos o ser por expressão dada, como também a formação da sua existência que o determina por verdade no mundo. Com isso, efetivamos o conhecimento que antecede pela própria consciência do ser no mundo. Mas como se dá isto?

Dizemos brevemente que se trata de colocarmos em prova a presença do conhecimento como participação da afirmação efetiva do fenômeno em um mundo. Tal consideração encontra na proposta do método do matemático; o encontro da relação que existe entre ser, existência e verdade. Desfragmentado, compartilham da participação como representação do ser, na medida em que alcançamos a sua verdade descoberta.

O descobrimento da finalidade do conhecimento ontológico da presença do mundo: “o método do matemático como consciência do eu”.

Desta partida, pontuaremos, em dois breves capítulos, o trabalho realizado pelo método do matemático, enquanto efetivação do desvelamento do mundo como objetivação da participação efetiva do ser, que parte da construção erguida como valor do sentido da exposição do mundo.

O primeiro capítulo encontra a possibilidade da afirmação do *Dasein* como condição da participação desencadeada como finalidade do ser, enquanto expressão do mundo. Colocaremos como recurso do método uma objetivação da efetivação do mundo, diante da verdade que se instaura como consciência do *Dasein*. Esta consciência é aqui uma propriedade do sujeito que coloca o método diante da representação que se deu numa ação obtida de quem o determina. Pois, da ação do sujeito, neste caso partindo da proposta do fundamento, entendida como participação trazida pelo sujeito.

O método heideggeriano sustentado pelo retorno à visão imediata e penetrante das sentenças e conceitos como regra básica da condição para construir uma ciência fundamental, que proporciona a todo saber possível nos axiomas e nos conceitos mais simples a sua percepção imediata (HEIDEGGER; Ser e Verdade, 2007, p. 49). Em outras palavras o método do matemático se firma por um *λόγος*, que quer dizer a palavra. Do grego antigo, significava inicialmente a palavra escrita ou falada, a partir de filósofos gregos como Heráclito de Éfeso (535 a.C.- 475 a. C) passou a ter um significado mais amplo.

O *λόγος* passa a ser um conceito filosófico traduzido ou mesmo usado como razão,

⁵ Confirmando o reconhecimento da verdade em seu sentido; um valor da propriedade que nos é colocado como próprio da sua efetivação.

tanto como a capacidade de racionalização individual ou como um princípio cósmico em sua ordem e beleza. Desta forma, partiremos da consciência do *Dasein* enquanto apropriação categorial do conceito que enquadraremos como intramundano.

Para isto, pontuaremos em dois momentos a condição que coloca o ser como participação efetiva da nossa proposta que rumo para a condição do conhecimento da verdade. Num primeiro traz a verdade como fundamento do ser, coloca na linguagem, o fenômeno para a própria condição do conhecimento que efetiva como verdade o seu desvelamento. (HEIDEGGER; Ser e Verdade, 2007, p.109). No segundo momento, trazemos a relação entre verdade e mundo, como um juízo da condição do fenômeno para a verdade. Levando assim, para a condição da existência pelo sujeito que determina e reconhece o conhecimento que o afeta, enquanto prova da determinação da condição de verdade; a formalidade do mundo, é revestida pela a consciência do *Dasein* que reconhece o ser do mundo.

No segundo capítulo, colocaremos a relação que existe entre o conceito do matemático e o método, apoiado por aquilo que se entende como aprendizagem e ensino; uma formação que se estendeu por elaborar o conhecimento verdadeiro.

Este saber matemático, nos leva ao efeito da antecipação da linguagem como participação formal do ser, e disto, aos padrões de compreensão do mundo. O ensino e aprendizagem, aborda, por uma postura elevada do método do matemático, uma participação desenvolvida dentro da efetivação que resgata o conhecimento como determinado no mundo. Atendendo pelo fator coexistencial, que faz desta relação o ponto de partida que considera a exposição do mundo, uma propriedade do conhecimento.

Tomaremos por este capítulo, a questão da participação da objetivação da consciência do *Dasein* a própria expressão do mundo. Trazendo como resultado de sua relação, um trabalho erguido por referências que constituem o mundo, e, coloca o ser como justificativa para a linguagem. Neste caso do fenômeno para o conhecimento.

Por esta terminologia técnica, Heidegger sustenta a “prova ontológica” encontrada pela determinação pré-estabelecida do mundo. Buscando consolidar, pelo conhecimento, o mundo como verdade. Para isto, dizemos da presença como relação que condiciona o fundamento da causa a própria ação para a verdade.

Um ponto de referência que sustenta essência que se compreende o sentido do ser, traz a verdade como compartilhada no mundo. Um dá-se na participação de sua exposição que, pela consciência do *Dasein*, traz em si já a sua resposta que o torna prevaiente em sua manifestação na linguagem.

Vendo que diante da consideração do método, o sentido do ser no mundo se faz na

propriedade da sua existência. O que se tomou pela constituição e pelo compromisso com o mundo a verdade como concordância.

Dizemos então de competências que se voltam para a efetivação do aprendizado, por aquilo que lhe é ensinado, faz da proposta do mundo o seu real sentido. O ser como finalidade do mundo é estabelecido dentro da formalidade que opera como essência da própria da verdade. Alcançando no objetivo do reconhecimento, o que se apresenta ao sujeito.

A verdade do *Dasein* se apresenta como consciência de uma finalidade no mundo, pois, parte deste trabalho se desenvolve pelo desmembramento da proposta ontológica de Heidegger, que traz uma discussão da verdade do ser do mundo lançada, desde já, na possibilidade afirmada do método matemático. Consistindo então na afirmação do reconhecimento como aquilo que se estende sob a luz que nos leva a verdade. Assim, colocamos a verdade partindo, em particular neste estudo, o método matemático como parte efetiva do conhecimento, pois, o *Dasein* participa como ser, e, para isto partirá do fenômeno da presença tomada como verdade ontológica do mundo.

1. A VERDADE COMO QUESTÃO ONTOLOGICA: O FENÔMENO DO SER COMO CONSCIÊNCIA DO DASEIN

O trabalho busca a questão ontológica dentro da proposta da verdade do ser do conhecimento, partindo do horizonte que traz a existência, como fenomenológica de um tempo originário em sua verdade no mundo. Partindo de um reparo sustentado pelo trabalho do homem como transcendência, faz deste, histórico e condutor de um cursar pela história, o ponto que “sustentar a verdade” na sua formalidade do mundo. Colocamos, pois, o método do matemático a favor da condição do conhecimento, enquanto vigência da verdade.

Encontraremos neste primeiro momento, o resgate ontológico do ser por um mundo dado na vigência.

Para sustentar esta proposta, colocaremos no *Dasein*, o ponto de partida do estudo que se apresenta partindo da necessidade que encontramos no mundo. A verdade se abriga por um caminho, um dado encontro do ser ontológico que faz do mundo parte efetiva; uma verdade que se mostra por um “suporte” dado no fenômeno em seu desvelar-se no mundo. Por esta “condução”, há de reconhecemos o seu movimento que traz o resgate do ser por uma verdade ontológica como prova concebida no fenômeno que estendeu para a constituição do ser.

O modelo desta condição está elevado por aquilo que é ser como ser do ente. Tal proposta se concentra na corrente existencial, encontrada na proposta ontológica de Heidegger⁶, onde, apresenta na condição da existência o fundamento do próprio mundo. Deste modo a verdade, se abriga no mundo em sentido privilegiado.

O homem é este ser que deve buscar no abrigo da filosofia, em virtude da condição que se elevou pelo método; uma verdade como conhecimento de um dá-se em seu desvelamento. Consumamos então o desvelamento como ontico-ontológico do mundo. Ontico-ontológico-mundo-verdade em seu fundamento, aqui, encontramos “graças” ao tratamento que elevamos na proposta transcendente. Pois, nesta uma referência à distinção do ser e ser-aí. (Cf. HEIDEGGER; Sobre a Essência do Fundamento.1. O problema do fundamento, 1989. Os Pensadores, p. 96).

Dizemos agora, que a verdade que aqui pretendemos expor, está compreendida como

⁶ Martin Heidegger, filósofo alemão, nasceu em Messkirch nasceu em 1889 morreu 1976. Durante sua vida se deteve na maioria de suas obras, propôs um retorno à filosofia primeira como forma “condicional” do ser, de modo que o transcende partido do ente, e que marca em sua principal proposta, a visão de um mundo dado e efetivado pela condição própria e radicada no próprio pensamento humano.

um movimento que se comporta por uma ação dês veladora, antes iluminada e conduzida pelo termo grego da *a-létheia*.

A verdade dês velada, que mais a frente será exposto como parte da abertura do ser que, tanto se encontra para a compreensão de sua posição do mundo como também nos levando para a constituição da condição que gira em torno do que é ser, e, como este ser é no mundo.

O dês-velamento do ser é o que primeiramente possibilita o grau de revelação do ente. Este dês-velamento como verdade sobre o ser é chamado de verdade ontológica. (Cf. HEIDEGGER; Sobre a Essência do Fundamento, 1943. Os Pensadores, p. 92-95). O que evidenciamos como valor do conceito de verdade e identidade, encontra-se entrelaçado de modo efetivo, pois, o ser nesta proposta, dá se numa verdade desvelada no próprio homem histórico em face de uma ontologia. Neste sentido, podemos dizer que a verdade do ser, abriga aquilo que conduziremos como fundamento, pois, que temos o *Dasein*, neste primeiro momento, como condução para a referida proposta. Aquilo que se apresenta diante do exercício do apontamento com o valor de concordância, onde, mais encontraremos seu o valor edificado por uma comum unidade. Levaremos apenas o seu valor que nos conduz para um resgate histórico, a afirmação de uma “identidade”, que elevada pela máxima de Parmênides de Eléia (530-460 a. C) e, por este modo, o seu dês-velamento se dá por um movimento da ideia que se fixa como verdade.

Colocamos pela clarificação de um “fundamento heideggeriano”⁷ o encontro do que é essência no mundo em sua efetivação do movimento transcendente: “da consciência para o conhecimento”.

O ser é. Parmênides indica que na via da verdade, o homem se deixa conduzir apenas pela razão. Nessa primeira via, ele afirma o princípio lógico-ontológico da identidade. Este princípio pode assumir a formulação do ser é o não ser não é⁸.

O ponto de partida fixada pela ideia de uma efetivação promovida pelo método, traz em si, o suporte para o sentido que se busca enquanto ao que é ser. Nos colocando diante da verdade que parte do principio ontológico da participação do ente que é ser; um tratamento que reconhece o que é e como sendo no mundo traz uma participação da referência ao ente. Em seu valor inaugural, apresenta a verdade como dês velamento.

O que este exercício filosófico propõem? Podemos dizer que está compreendido pelo

⁷ Sobre o conhecimento já dado. O dês velamento sob um fundamento. A verdade como ser.

⁸ Só por meio da razão é possível desvelar a verdade e a certeza da consciência.

conhecimento diante de uma prova ontológica?

Destacamos logo de início, por uma conveniência de que venha ou não cometer, o *Dasein* que, pelo método traz a condição do sendo como mundo propriamente dado. Assim, e, devido à importância do princípio do que é ser no mundo, passa por uma determinação em sua prova vigente do mundo.

A verdade pelo método do matemático como formação nasce por uma “teoria do conhecimento” superada tanto pela ontologia como pela lógica, onde, mesmo pela condição exposta encontramos o juízo a favor da transcendência. A apropriação do sendo o tomar-se para si efetivo, nasce da proposta da determinação, que faz do reconhecimento uma representação do mundo como fundamento. Referência esta que deverá inaugurar o ser quando presença: o homem em uma evidência do mundo.

Pela filosofia, temos aquilo que até então, e, por este sentido, inaugura o caminho que nos leva a prova da condição de verdade, colocada na proposta da consciência do *Dasein* como efetivação no mundo. Nesta condição, encontramos especialmente na filosofia alemã, berço do grande resgate da filosofia clássica o que Heidegger traz em seu horizonte, a verdade do ser em seu conceito próprio do *dês velamento*: “encerrando”. Pois, em partes da questão da verdade, a essência do sendo na sua própria condição encontra no fenômeno da linguagem sua edificação. Tal exposição, encontra no fundamento do primado *ôntico* a sua característica fundamental. Desta forma, podemos dizer que a verdade se afirma por uma condição fundamental do ser. O mundo é na medida que funda a sua existência.

Mas qual será a prova que garanta o valor deste primado? Será uma consciência elevada pelo conhecimento que garantiu a transcendência apresentada como mundo fundado na consciência do *Dasein*?

A verdade deve ser aqui tomada por uma determinada “expressão”, ou seja, o *Dasein* é usado como termo técnico do pensamento de Heidegger, um exercício do ultrapassamento que nos é apresentado e colocado no horizonte de nossas questões. Possibilidade esta que traz o ser como unicamente referência e que dá-se no ente. Do mesmo, em um mundo dado, e, já desvelado como ser-aí, efetiva justamente pelo ente, que é “ele mesmo”. Existindo no mundo como objeto do sendo e passível de determinação. Por isto, o ente no âmbito revelador, o ser *dês velado* possui o caráter não predicativo, mas sim, a condição de verdade ontológica. Para isto coloquemos a situação conforme o filósofo nos diz que, (...) “a predicação deve, para torna-se possível, radicar-se num âmbito revelador, que possui o caráter não predicativo. A verdade da proposição está radicada numa verdade mais originária (*dês velamento*), na relação antepredicativa do ente que podemos chamar de verdade *ôntica*”(…). (Cf.

HEIDEGGER; Sobre a Essência do Fundamento, 1943. Os Pensadores p.91).

Diante da proposta ontológica tentaremos desenvolver esta condição por dois momentos: o primeiro partindo do primado ôntico, que traz o homem como fio condutor para o fundamento da verdade, já no segundo, trataremos da relação entre verdade e mundo como condição fenomenológica. Pois a essência do próprio mundo transcende o conhecimento, ao passo que o reconhece na própria consciência do *Dasein* a condição de uma verdade que nos é apresentada como movimento emergente da condição do seu do *dês* velamento. Trazendo o fenômeno como verdade partindo da construção do mundo. Assim, Colocaremos nesses dois primeiros momentos, o trato de entendermos o valor da verdade afetada como conhecimento e a sua edificação como construção de um *dês* velamento no mundo.

1.1. A VERDADE COMO FUNDAMENTO DO SER

Para o sentido de fundamento que desejamos aqui desenvolver, havemos de começar pelas competências que dotaram na condição daquilo que traz em si a sua atuação no mundo. A verdade que aqui se encontra por um espaço dado nas relações vigentes, encontra por referência da postura que dota no seu espírito o mundo que se compreende, por aquilo que o comporta. Pois quando a proposta se relaciona com a consciência, fica fácil de corrermos o risco de nos deixar levar, por caminhos que trafegam as distorções que beiram o sentido de vazio, que nos coloca diante de uma razão não desejada. Em um breve comentário sobre este ponto, de modo que nos leve para um entendimento da razão preenchida por uma relação de frágil estabilidade. Conceito pelo qual encontramos como uma fragilidade que norteia uma verdade absoluta, única e inabalável.

Desta particularidade, ergue-se o reflexo da condição do conhecimento como resultado natural; a objetividade da condição do método do matemático e do seu movimento que coloca diante da realidade consciente, a formação do sujeito do mundo.

A verdade como conhecimento, tende a provar o fundamento como condição transcendente do que existe, do que é ser no mundo. Estará então, previamente ultrapassando em direção a “totalidade”: “o *dês* velar-se no mundo partindo do que trazemos a questão singular da consciência de si. O que se tem de comum”. Ao passo que conduz, diante da participação efetiva também o mundo: uma condição da exteriorização real e existente enquanto própria da condição ôntica que o envolve e, se toma por uma “convenção” em seu

modo natural.

O próprio homem dá-se na existência factual e para toda realidade, enquanto horizonte para a nossa proposta emergente, nos convidando a participar da principal tarefa da filosofia, que se ergue pelo resgate ontológico do ser como prova do mundo. A(s) ciência(s), por exemplo, busca(m) no mundo a verdade diante de um dado factual e por este “evento”, promove a garantia do seu comportamento fundado para uma cientificidade.

O *Dasein* por esta condição, se afirma como um ser efetivo, seguido, pois, por uma característica que se apresenta através do método; encontrado enquanto movimento para a formação do indivíduo. Pois que esta questão traz em si, uma exposição do que é ser no mundo. Levando pelo reconhecimento, o que é em sua determinação. O ser dêl velado resgata a condição do ser como consciência como consideração da questão do fundamento da existência a partir do ente. Diante da consciência que funda o ser, e, pelo exercício transcendente, abre espaço para a essência que funda o ser no mundo. Para isto cito:

Na medida, porem, e que o ser-aí existe como mesmo- e somente nesta medida- pode ele ter um comportamento (relacionar-se) para com o ente, que, entretanto, deve ter sido ultrapassado antes disso. Nós designa o aquilo em direção do qual (horizonte) o ser-aí como tal transcende, o mundo, e determinamos agora a transcendência como ser no mundo. (HEIDEGGER; Sobre a Essência do Fundamento, 1943. Os Pensadores, p.95).

O condicionamento que traz nesta “propriedade” efetiva, o ponto que nos leva ao reconhecimento do ser como sendo no mundo. Assim, enquanto consciência do *Dasein*, partiremos da proposta que desde já, deverá ser compreendida pelo espaço preenchido do exercício que condiciona a propriedade do seu fundamento, de modo que nos leva para a verdade, diante de uma elaboração concreta da proposta em seu sentido ontológico do mundo.

Colocaremos então sob esta luz, o encontro que nos leva para a formação das categorias fornecidas de informações que condicionam este estado de ser, para toda ação. Respostas que de certo modo, por assim dizer, no campo cognoscível do sujeito como afirmação de sua condição, o homem que, pela linguagem, estabelece uma ligação entre a consciência do *Dasein* como efetivação: “o ser lançado”.

Caracterizado por esta exposição, depositamos uma função através da determinação que se enquadra como possibilidade da apreensão da existência como conhecimento.

Dizemos então que se trata aqui da proposta fundamental da filosofia pela ontologia,

que investiga a existência no dá se no mundo?

Diante deste compromisso compreendemos o espaço preenchido para a verdade, que nos é apresentado diante da finalidade, com ser da presença que existe pelo reconhecimento do exercício efetivo do *Devir*⁹. Sendo no mundo, o ser se encontra como finalidade da questão fundamental, pois, um retorno à própria metafísica, favorecida por encontrarmos um movimento transcendente, traz em si a importância superior para todo conhecimento. Pois, o compromisso com a verdade está, de certo modo, inserido na participação desencadeada pela característica que obtivemos da finalidade do método; uma ação desencadeada pela objetivação do sujeito que até então, nos levará a essência do fundamento.

Esta objetivação encontrada por uma ação efetiva, faz com que compreendemos o ser como resultado de um procedimento da formalidade do mundo; um reconhecimento enquanto movimento que se tem por sua finalidade.

O propósito da verdade como fim, encontra na ação o que deverá estabelecer, ao mesmo tempo aquilo que se declarar como *ens-in-comuni*. Ou seja, como o ser se apresenta no mundo e em sua representação obtida. Sustentada pelo método do matemático, esta perspectiva se encontra na procedência do exercício do matemático, pelo qual concebemos a formação. Efetivando a prova da essência do fundamento como objetivação, alcançada pelo próprio método, faz deste parte da consciência do *Dasein* o mundo como presença para o homem.

Para esta questão, colocamos o que se assemelha a indícios de uma causa “fatorial”, que atua por uma unidade que se enquadra no sujeito a real participação, mediante a possibilidade de quem o afirma.

O seu “declínio” como união preestabelecida no próprio mundo, nos é apresentado como uma coexistência participativa, mediante a unidade em seu modo de aparecer simultâneo. Pois, o entendimento do mundo dá-se como propriedade da consciência, e nesta consciência do *Dasein* tomaremos aqui por uma elevação do (eu) participativo que no mundo, se apresenta por uma participação da procedência do método que os forma e os elabora como conhecimento.(Cf. HEIDEGGER; Ser e Verdade, 2007, p. 47).

O trabalho do método por esta participação é concebido quando se apresenta pela consciência do *Dasein*, como sendo o principal caminho percorrido para a verdade, de modo que desenvolve a finalidade do ser como desvelado no mundo.

⁹ *Devir*, Tal termo surge sobre a percepção do que é como sendo no mundo, ou mesmo para uma finalidade da questão fundamental da Filosofia. O modo que envolve o ser em uma cadeia ôntica, eleva o ser para condição da verdade como caminho do conceito da análise e síntese, de tal modo que formaliza o estender filosófico.

Pelo mesmo movimento que sustenta a posição de presença. Falamos desta forma de uma efetivação que se dá num estado consciente no mundo. Estado este que encontramos o mundo numa temporalidade. Tal proposta, se apresenta diante de uma necessidade caracterizada por edificarmos, numa certa referência, o que se tem como ser. Esta referência nos coloca diante da finalidade do ser do mundo, à medida que se apresenta como questão da consciência do mundo.

Sustentar o valor desta participação faz do sujeito, e, por um reparo a abordagem do *Dasein*. O pulsar efetivo da presença do homem no mundo ergue a “apresentação de uma necessidade de domínio”, que aqui colocamos como essência mundana.

Para isto cito José Reis, quando traz a temporalidade a discursão do domínio. A temporalidade determina o ser, deste raciocínio, podemos efetuar duas notas que promovem a sua evidenciada enquanto verdade.

...A temporalidade heideggeriana passa-se no domínio da consciência e quer o passado quer o futuro, embora referidos como o antes e como o depois, são referidos no presente. A estes dados há que acrescentar o primado do futuro quer sobre o passado quer, em último lugar, sobre o presente, tal como há que pensar a morte no lugar do futuro. Como chega o Autor a isto? Para nos referirmos só ao essencial, ele termina a análise preparatória da Primeira Secção, procurando um conceito que articule o “todo estrutural do *Dasein*”. Tal conceito é o cuidado do ser do *Dasein* diante de um antecipar- se -a- si, estando já- em - um - mundo... (REIS, 2005, p.369).

A primeira nota deve-se enquanto a determinação do valor ôntico que acompanha o ser, de modo que traz o conhecimento a consideração que permite a sua predicação. A segunda, como prova da efetivação do ser, abrindo espaço para a discussão que nos leva para a consciência do sendo por aquilo que é presença como questão da participação.

Com isso, podemos dizer que esta demonstração, realizada outrora pela representação encontrada na filosofia de Immanuel Kant (1724-1804) com a “Crítica da Razão Pura”, faz da referência do “conceito de ser” o seu aspecto decisivo. Pois, justamente ali, onde o filósofo entra em discussão com a onto-teo-logic da tradição, fala da “impossibilidade de um argumento ontológico da existência de Deus”. (Cf. Heidegger; A tese de Kant sobre o Ser. Os Pensadores, 1989, p. 195).

Para um novo conceito de ser, torna impossível à demonstração da existência de Deus, que por esta análise de conceito e sua determinação; posição esta que se encontra, por um lado revelador, traz como caminho na filosofia moderna o percurso até Kant, que por outro lado,

nos deixa elevar a direção que o ser do conhecimento tomaria depois dele. Essa condução efetiva um tratamento único da verdade, que parte do que é ser no mundo como “gancho” para a condição ontológica. Agora esta condição de se pensar o ser como encontro simultâneo, em que surge novamente na mesma proposta, o que nos leva ao ser, enquanto existente no mundo, ao passo que o efetivamos finalmente, como síntese da presença em seu o valor de identidade que traz o seu modo todo alcançado¹⁰.

Enxergar a verdade dentro desta simultaneidade, faz com que encontremos no método, e, talvez por este, a objetivação sobre a verdade do ser. Deixaremos então para esta proposta, o exercício que seguimos como atividade que consume, enquanto a disposição de provar o ser como determinado. O movimento que exerce por sua participação no dado temporal, efetiva o ser no mundo.

A segunda nota está conferida quando confirmamos a participação do processo que traz em si uma afirmação da “cadeia” composta e atuante no mundo. Tornando-se aqui a unidade da expressão do ser, elevado como condição para a compreensão que, especialmente aqui, traz o sendo pelo caminho do princípio da identidade, de modo que traz em si, a finalidade do ser, por uma exposição que coloca o *Dasein* como causa essencial.

Organizada pela própria proposta do método, dizemos de um conteúdo não superficialmente exposto, pois, a sua força se dá ao compararmos diretamente aquilo que nos baseamos por simples estado de relação. Trazendo em si um procedimento bastante eficaz, de onde o entendemos, por este caminho, como sendo a condição factual do ser.

Devido a esta relação, o ser aqui é conduzido como coexistente, a ponto de identificarmos a sua finalidade encontrada na consciência do *Dasein*. Uma prova da sua relação com o mundo que edificamos como ser da presença, faz desta demonstração ganhar mais força, isso quando adquirida, assumindo pela formação encontrada na condição própria e desenvolvida na fenomenologia.

O método nos conduz a este mundo dado, efetivado pela formação da consciência do mundo, e o *Dasein* como presença se configura agora no que é e está sendo no mundo. O ser é afirmado no mundo pelo simples motivo que nos leva a um propósito enquanto efetivado pelo método em seu trabalho.

A verdade, desta forma é parte do movimento que coferimos, por um lado, coexistente e efetivo no mundo e por outro, como consciência que o afirma como tal. Em outras palavras, podemos dizer que este movimento se encontra na propriedade que o torna

¹⁰ Ibidem, p.212.

real, conduzindo o homem para clareza do conhecimento. A verdade.

O *Dasein* torna-se em parte, evidência do condicionamento da realidade por estruturas que se ergueram pelo modelo de interpretação que o homem constrói o conhecimento. Assim, encontrada nesta condição a existência factual da verdade é tomada aqui por promover o desencadeamento da proposta do método. Pois, pelo método e por este exercício, devemos compreendê-lo como uma espécie de formação para a verdade, que afirma a condição do exercício que nos coloca diante da relação com o mundo.

Quando nos colocamos diante da proposta que visa, pela formação, encontrarmos a consciência do mundo em seu valor categórico traz a verdade, que parte, ao mesmo tempo, de um termo que assume aqui a origem de uma composição em seu desvelamento, reconhece no *Devir* a consciência do *Dasein* como existência que determina o ser efetivo. Este comportamento, nos leva ao processo que se apresenta como propriedade do acontecer apropriado; um reconhecimento promovido pela fundação efetiva do *Dasein*. Por este ponto, fundemos outra questão. Se tomarmos por esta via podemos levar em consideração a existência do *Dasein* como essência da verdade, uma vez que esta essência é tomada como afirmação do ser no mundo?

Para responder esta questão, Heidegger em um de seus ensaios intitulado: “Sobre a Essência da Verdade”, ele coloca na observação o exercício pelo qual atingimos o seu projeto original.

O pensamento ensaiado na conferência decisiva a partir do *Dasein*, ao qual, o homem pode penetrar e se preparar, enquanto fruto da própria história, encontramos uma proximidade da verdade do ser. Para isto, observemos nas palavras do filósofo o que nos leva ao que se define e sustenta o fundamento participativo, enquanto lugar do matemático na filosofia. “(...) mediante esta abordagem, veremos que ele ganha mais força quando direcionamos como sendo a principal questão presente, e isso se dá pelo o desenvolvimento do pensamento exposto sobre a “coisificação” do ser: o *Dasein*.

Tal questão, devemos considerar como decisiva, de modo que, traz a verdade como constituição da presença real do ser no mundo. Fazendo do *Dasein*, o termo adotado como fundamento da clareira, (*lichtung*). Antecipado aqui, por uma relação que vai de encontro ao exercício trazido, por esta questão principal, de onde sua característica se firma por identificar a relação da condição da verdade como prova de ser no mundo. Mas não é uma característica do sujeito. É o lugar de encontro de ser e homem e assim é referida ao *Dasein*, (...). Enquanto ligada à transcendência o filósofo pode vincular mais tarde esta liberdade à vontade e a clareira (*lichtung*). Seria erro hospitalar (constituir em substância) liberdade como algo

entitativo ou interpreta-la na direção da substancia ou da subjetividade da tradição metafísica; “mas que deveras a ação”. (Cf. HEIDEGGER; Tempo e Ser, 1943, p.190).

A proposta que colocamos, traz este termo como sendo a luz que rege a condição do ser, diante do objetivo que enquadraram o ser como algo determinado no mundo. Tomado por esta exposição, o motivo pelo qual dizemos que o ser, em seu processo de desvelar estabelece uma formação concebida pela interpretação do seu fundamento.

A consciência do *Dasein* apresentada diante desta interpretação, estará condicionada a proposta fenomenológica do próprio mundo. Assim, o *Dasein* participa de uma concepção histórica humanística, estabelecida como exposição da esfera do conhecimento e se mantém como característica formadora do mundo pelo retorno da sua edificação. A procedência do método do matemático como fundamento da efetivação do *Dasein*, faz da presença o movimento que nos leva para o ser lançado. Sendo que disto, pode-se dizer de um estado compreendido e elevado por uma efetivação da existência. Ou seja, estamos tratando da coisificação do ser na medida em que estabelecemos a verdade do mundo como conhecimento. Tomaremos por este caminho, um posicionamento que nos leva, inevitavelmente, a presença como parte efetiva do conhecimento do ser dado no mundo.

Partindo deste ponto, tomaremos como “efeito” da consciência do *Dasein*, a prova da objetivação que nos leva a verdade. Pois, trataremos aqui, por uma breve exposição, uma ação que se instaura em seu fator participativo e concebido na realidade. Fazendo com que neste processo, se instaure o juízo relacionado com a forma que o mundo se apresenta, ao mesmo tempo que percebemos a condição ontológica do ser.

O modo que esta consciência coloca a verdade do ser para a realidade do mundo nos leva ao domínio do método à formação pela qual aqui, se busca a essência do fundamento como verdade. Encontramos na disposição, ou melhor, no âmbito da transcendência, uma determinação efetiva pela análise do conceito de ser no mundo e para este, dizemos ser o ponto que se destaca como consciência do *Dasein*.

O *Dasein* é tomado como forma da presença partindo do estado que é efetivado em seu desvelar-se. Com isso, seguiremos para o próximo ponto, em vista do que se é tratado pela relação existente, seguida do que se apresenta diante de si e para si.

1.2. DA RELÇÃO ENTRE VERDADE E MUNDO: “UM JUÍZO DA CONDIÇÃO DO FENÔMENO PARA A VERDADE”.

O homem pelo movimento que traz para si o que se mostra como “identidade” em

nossa investigação ontológica, nasce para a formação o que ele trata como essência da verdade a forma do conhecimento. A prova desta relação do sujeito em um mundo, traz o método pela relação do próprio mundo, de modo que colocamos o valor de identidade como valor da condição da liberdade. Um princípio formador do indivíduo, enquanto sujeito da ação. (HEIDEGGER; Sobre a Essência da Verdade, 1943. Os Pensadores, p. 120).

O ser em vista do caráter do primado ôntico do próprio mundo, traz o conteúdo originário da *epékeina* como transcendência do ser-aí.

Efetivado como fundamento da razão é de nosso interesse identificar a formação que trata deste que é ser no mundo, de modo que não se distancie muito da nossa proposta exposta até aqui, pelo caráter de atribuir ao ser uma característica determinada no mundo. Uma prova do em vista de - si como vontade no mundo.

Para isto, Heidegger fala sobre a essência do fundamento, uma liberdade como condição deposta no mundo atuante como prova evidente do ser-aí. Colocaremos esta condição sustentando o movimento que se projeta para o sujeito como ser intramundano, de modo representado e designado como essência da existência. A análise deste princípio que trazemos como razão, remete ao problema do fundamento no âmbito da transcendência. Esta foi determinada pela via de uma análise do conceito de mundo como o ser- no- mundo do ser-aí.

Se assim, perguntemos em que medida reside na transcendência a possibilidade interna para algo tal como fundamento em geral?

O mundo se dá no ser-aí, como respectiva totalidade do em - vista - de - si - mesmo, isto é, do em - vista - de um ente que é co- originariamente: ser- junto- do ente puramente subsistente como ser- com.

O Ser-aí só pode desta maneira, ser para si como para si mesmo, se “se” ultrapassar no em - vista - de. Ultrapassando o caráter de em - vista - de somente acontece por uma “vontade”, que, como tal, se projeta sobre a possibilidades de em - si - mesmo. Esta vontade, que essencialmente sobre - (pro) - geta e por isso projeta ao ser-aí o em - vista - de - si- mesmo, não pode, por conseguinte, ser um determinado querer como ato de “vontade”, à diferença de outros comportamentos na transcendência. A vontade, porém, deve “formar”, como ultrapassagem nela, o próprio em - vista - de. Entretanto, segundo a sua essência, antecipando e projetando algo tal como o em - vista - de em geral, então, produzirá também como eventual resultado de um esforço, o que chamamos de liberdade.

A liberdade que aqui se fala, não deve ser confundida com livre arbítrio mas sim, pelo fato que se encontra ligada à capacidade de transcendência que acompanha o ser humano

como participação de um conceito de ideia. Uma atualidade que em - vista - de, encontra o caráter do primado ôntico do próprio mundo, e, assim, repercute o conteúdo originário da *epékeina* como transcendência do ser-aí, enquanto condição desvelada. “A história do problema das ideias que mostram como a transcendência procura abrir-se um lugar ao sol, mas sempre prende ao mesmo tempo, de lá para cá entre dois polos de interpretação possível, ambos insuficientemente fundados e determinados. As ideias valem com mais um âmbito privilegiado do que sempre é passa a ocupar o lugar de fenômeno do mundo não reconhecido, assim também a referencia ao mundo no sentido de um determinado comportamento do mundo em face do ente que é interpretado como *noeĩ n, intuitus*, como um perceber não mais mediado “razão”. O ideal transcendental coincide com o *intuitus originarius*. (Cf. HEIDEGGER; sobre a essência da fundamento, 1989. Os Pensadores, p.108).

O filósofo “forja”, precisamente, esta difícil carga semântica para se colocar além de uma visão substancialista ou subjetivista que rodeia a nossa proposta. Deste modo, a raiz da liberdade, brevemente aqui em questão, possibilitará o sendo como enigma da *a-lethéia* (*ἀ-λήθεια*), que mais a frente será exposta com mais atenção. Trata-se aqui de resaltar a forma do seu ultrapassamento no mundo como fator próprio da liberdade. Por conseguinte instaura a prova de uma transcendência que não se depara com o em - vista - de, ou, de um valor em si existente. Mas, sim pela condição da liberdade que o ser é tomado como verdade, naquilo que o mantém em - vista - de, ou mesmo, em - face - de - si.

Neste manter em - face - de - si, ou, em - vista - de - si, transcende o acontecer do ser-aí no homem, de tal maneira que, na essência de sua existência pode ser responsável por si. Isto é, pode ser um em (si) mesmo livre que aqui, se desvela na liberdade, ao mesmo tempo em que possibilita a ação de um compromisso da presença em geral. Desta forma, somente a liberdade deixa imperar e acontecer um mundo como mundo (*welten*), o mundo jamais é, mas, acontece como sendo mundo (*weltet*). Assim, dizemos que parte desta proposta segue diante da referência que efetiva o acontecer do que é sendo no mundo; uma evidência dada na linguagem do fenômeno como sustento da nossa proposta. Adiantemos assim, o desenvolvimento gerado pelo argumento que se enquadra na proposta da evidencia do ser em sua verdade.

Um “propósito” erguido dentro de um contexto histórico filosófico, sustentado pela grande influência da fenomenologia, inaugurada por Husserl (1859-1938), onde seu modelo é erguido por uma “estrutura filosófica” que nos insere diante da prova do fenômeno, efetiva um fator determinado, e isso, se dá pela experiência do próprio fenômeno. Neste ponto, trabalhar a questão ontológica do mundo, de modo distinto e não tão distante daquilo que

veremos como adequação expressa no mundo, estará relacionada, se levarmos em consideração a proposta fenomenológica, a condição demonstrada pelo assunto de “expressividade causal”¹¹.

O elemento da noção de intencionalidade, atende por aquilo que se define como formação essencial dos processos mentais do homem. O sujeito num mundo de relações que o enquadra e o conduz para a formação: “o sujeito em virtude do fenômeno”. Convertida desta forma, encontramos uma definição simples que traz, pela principal característica da consciência do *Dasein*, a condição sempre intencional. A prova disto, dizemos que a consciência sempre é consciência de alguma coisa, e que nesta análise intencional e descritiva da consciência, a definimos dentro das relações essenciais encontradas entre os indivíduos em seu mundo externo.

Colocando, pois, por esta partida o ser dentro da experiência da existência como parte da essência in-tramundana, ou seja, da existência do ser mediante a efetivação da existência própria da experiência em seu compromisso consumado pela efetivação do mundo. Por alguma finalidade que possibilita o valor da verdade em sua identidade, faz com que, caminhemos para o compromisso que se aplica ao procedimento de um novo movimento realizado pelo método do matemático pelo estado da “real consciência da verdade”. Esta verdade como procedimento que deve apresentar uma explicação do que é este dá-se no mundo, conferido como sendo o próprio *Devir*.

A nossa questão fundamental traz o lugar do matemático, enquanto procedência que torna-se talvez aqui, a síntese daquilo que concebe o sendo, a condição atuante em seu ponto de partida. O caminho que nos leva a consciência do *Dasein*, se faz no rigor de sua consideração, pois, o modo que o método e sua relação com o mundo efetivo, encontra por uma convicção fundamentada, o tratamento da questão que visa desenvolver o método como próprio da presença, e, para o conhecimento.

O mundo que encontramos está como *a-lethéia*, assim, dizemos do que é o ser por uma verdade que é factual, e por onde exerce uma posição determinada no mundo. O homem como ser do *Dasein*, encontra-se numa abertura da *a-lethéia*.(Cf. HEIDEGGER; Ser e Tempo, 1984, p.214).

Sendo uma condição gerada pela prova do caráter fundamental do domínio próprio do

¹¹Considerado o pai da fenomenologia, Husserl em 1913, publicou a obra “Ideias por uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica”, que expressa através da determinação, atribui um peso científico à filosofia com o intuito de atingir outras ciências, partindo de uma base sólida de pensamento e uma fundamentação rigorosa da experiência.

método, de modo que este antecipa e decide previamente o seu modo específico, faz com que reconhecemos, enquanto fenômeno, a própria consciência do fundamento do sendo, diante daquilo que significa a busca pelo simples e evidente. Tal consideração nos coloca diante de uma ontologia que condiciona o homem, o que é simples e evidente no mundo. Isto é, a própria consciência como essência indubitável.

Podemos colocar a dúvida, como características de afastar e excluir da validade tudo que não pode resistir à maneira que se comporta a própria dúvida. Representado desta forma, o fundamento do eu como objeto do método em seu sentido mais amplo como condição indubitavelmente dada pela característica própria do pensamento. Para isto, dizemos da proposta desenvolvida por Descartes (1596-1650), quando ao levar os homens à dúvida, que os conduzia a si mesmos¹², de modo que cada um traz o seu eu como realidade que, em última instância, se tem como indubitável e com isso, torna-se fundamento, ou mesmo, a cidadela de todo questionamento e para toda questão que envolve o ser em sua verdade.

Vejamos o que Heidegger nos apresenta, “(...) de início e primeiramente, só o ser do sujeito é certo, incerto é o do objeto – mas se torna agora também o único ponto de partida para se puser a responder a questão do dar-se fora de mim, extra me, do sendo, do que é e está sendo(...)”.(Cf. HEIDEGGER; Ser e Verdade, 2007, p.52).

O homem vê no *Dasein* a possibilidade do reconhecimento da efetivação daquilo que é ser no mundo, e, que isto se encontra diante da participação que se encontra dentro da questão que configura uma representação ontológica. A tarefa fundante do pensamento heideggeriano, efetivado pelo valor da verdade se edificou como unidade da identidade do ser. Deste modo, recorreremos ao que Kant trabalha na problemática da ideia, em que traz o ente temporal como forma da estética. Trabalhada, tanto dentro do espaço compreendido pelo próprio tempo como também dentro de um quadro que se formou como parte da própria estrutura do “espírito do sujeito”. Assim, segundo o filósofo Kant, encontramos por um espaço e tempo o que se apresenta como condições afirmadas *a priori*, de modo que fazamos aqui, uma breve observação.

O que necessariamente nos é colocado por estes moldes da observação encontra-se por sua percepção geral e universal. Aquilo que se torna abordagem que nos leva a prova da verdade, se encontra enquanto disposição da consciência do *Dasein* como parte que repara o ser na sua temporalidade. Uma transformação que se apresenta empiricamente dada em si, fornecida por uma “comprovação” do fora de mim transportando para o conhecimento o

¹² Sobre o Cogito.

sendo como prova da existência. Pois, o modo que esta comprovação afeta o sujeito, o filósofo traz em sua proposta o exercício de pensarmos fundamentalmente a filosofia do ser presente. Assim, de modo inevitável nos faz recorrer ao fenômeno do ser no mundo como condição inteiramente conceitual do que é simplesmente encontrado como acabados e dentro do mundo. Para isto cito:

Dentro da questão que envolve desde já o acabamento do ser, colocamos num soar daquilo que é simplesmente física, assume pela representação uma ação objetivada pelo homem. Apresenta por isto a sua finalidade na forma que determinamos e efetivamos o ser no mundo. O psíquico é tomado do ponto de vista ôntico e Ontológico inteiramente distinto do fenômeno de ser no mundo, mas que o conceitua dentro do mundo dentro da categoria conceitual do ser dos entes que simplesmente se dão dentro do mundo. (HEIDEGGER; Ser e Tempo, 1984, p.110-112).

O conhecimento mediante o posicionamento elevado pela postura adotada do método do matemático, inserido como parte do encontro que traz em sua finalidade a própria verdade, faz do ser a questão que nos levará a condição ontológica que se desvela neste para - com. Desta forma, o mundo parte da proposta em que a sua finalidade se encontra na possibilidade do ser.

Nesta condição de ser no mundo, tomaremos a proposta do seu valor como próprio da sua expressão ontológica de Parmênides, pois, o que é, é enquanto sendo. Por este percurso, e, sob a óptica do método como possibilidade erguida pelo conceito do *Dasein*, como o ponto mais elevado da proposta; a formação que possibilita a sua compreensão, se estende por aquilo que transporta no homem a condição do valor de verdade em torno da construção do sentido da existência.

A verdade para o homem se dá na condição apresentada em sua substancialidade que encontramos o verdadeiro sentido da sua existência. Nesta condição, o homem eleva o sentido da existência da verdade, ao passo que traz, em seu reconhecimento aquilo que consumimos como estado de finitude do ser. Para isso, Heidegger traz a discussão de uma finitude que deve ser compreendida pela proposta de Leibniz (1646-1716), quando coloca a substancialidade da substancia como principal característica. A mônada, o elemento unificador simplesmente originário, que previamente individualiza e separa. Disto, dizemos que Leibniz entende por mônada, tudo aquilo que engloba em si o fundamento. A essência da substância

consiste no fato de que ela é mônada; o simples, a unidade, o um, mas também o separado, o solitário. O ente propriamente dito possui o caráter de simples unidade do indivíduo separado. “A determinação do ser do ente segundo Leibniz.(Cf.HEIDEGGER: A determinação do ser do ente segundo Leibniz,1929. Os Pensadores, 1989, p.165).

O modelo que o pensador configura dá-se decorrente de um valor pragmático, que, elevado pela ação desveladora do mundo, afirma o compromisso da verdade coexistente no mundo.

Com isso podemos dizer que estará aqui compreendida por uma formação simultânea no mundo?

Por hora, dizemos que o objetivo do método, quando erguido em nossa proposta é de desenvolver, pelo curso da história da filosofia, o que concebemos, enquanto presença de um procedimento que assumiu, especialmente pela consciência do *Dasein*, como efetivação da existência em seu valor pragmático que envolve o mundo. Tornando por este, um “valor prático” que caracteriza o sendo por um critério efetivo da análise da condição do mundo. Esta validade traz uma participação de caráter efetivo, uma prova que encontra no fenômeno do *Dasein* como verdade¹³.

A participação da consciência do *Dasein* como principal abordagem do método é colocada por uma ação da participação que caracteriza e torna-se, o “único caminho” que se apresenta como objetivação do homem.

Dizemos também que o método deve ser entendido como posicionamento que adquirimos sobre aquilo que se apresenta na apropriação de um processo atuante no mundo. Assim, o método matemático identifica este para-com, em sua finalidade que encontra também características entrelaçadas ao estado cognitivo do homem. Desta forma veremos que tal edificação do conhecimento se enquadra por um processo que traz em si a sua maior conquista¹⁴. Este princípio ontológico da sua representação, dá-se de modo que nos leva à verdade enquanto sendo no mundo.

A consciência do *Dasein* abrange esta relação colocando pelo reconhecimento efetivo do mundo por uma prova convertida; uma formação que concebeu a atuação do desvelamento funcional, em que se apresenta no mundo. O valor que encontramos por sua propriedade é tomada aqui como sendo a nossa principal tarefa, de modo que nos referimos

¹³ Do fenômeno, sendo aquilo que aparece, e em seu auto explicar-se, encontra, na medida em que é presente, toma o existente para o sujeito.

¹⁴ Dentro desta participação trazemos a sua principal característica pelo desenvolvimento do conhecimento de ser no mundo, o motivo pelo qual nos levará ao seu fundamento: “o homem, a consciência e o movimento do reconhecimento”.

pela busca tomada por uma necessidade que justifica o compromisso e o valor da sua compreensão. O método quando nos leva, de certo, para o reconhecimento do ser que é no mundo, se diz pelo alcance da verdade que é gerada como prova efetiva do seu valor instaurado e efetivado. A consciência do *Dasein* se ergue pelo método como estado atuante no mundo, e por exercer um apontamento do seu efeito, ou mesmo, da sua causa.

Quando este ser é desvelado se mostra por aquilo que é, e, existe como propriedade própria do mundo¹⁵, encontra-se diante do processo que visa, dentro da relação com os particulares, o nosso objetivo apresentado pela possibilidade de resposta a favor do método; o que concebe o ser no mundo em sua formação própria do fenômeno vigente é por ele mesmo acabado.

Colocamos nesta condição, o reflexo da sua expressividade ao mesmo tempo em que também o efetivamos no mundo. Para deixar mais claro, necessariamente devemos recorrer ao método fenomenológico inaugurado por Husserl, de onde ele desenvolveu de modo introdutório por duas vias; a primeira composta de uma redução eidética, e a segunda por uma redução transcendental. Pois, o sujeito retira o conhecimento destas vias para a busca do real sentido da existência da verdade.

A verdade inaugurada pelo homem como vontade, em sua efetivação clara e eficaz, faz do método fenomenológico a condição dentro de uma atuação sequencial, uma seguida da outra. Com o método matemático não será diferente. Logo, este traz em si a condição de efetivar o fenômeno, pela proposta de estabelecer o conhecimento como verdade.

Seguiremos então obedecendo este processo que consiste em explicar o método fenomenológico pela redução eidética, e, pela redução transcendental. Pois que neste encontro, sustentaremos o método fenomenológico como reconhecimento da própria proposta do método do matemático.

A primeira via encontrada como redução eidética coloca o sujeito diante daquilo que é perceptível, fazendo com que ele busque o sentido das coisas em sua existência; das coisas físicas como não físicas. Por este motivo, ele utiliza do método ao passo que, deve excluir aquilo que não transpareça o seu real sentido. Fazendo isso, temos então o caminho que nos leva a abarcar no sentido que nos levará para a possibilidade de encontrar a finalidade como verdade. Já na segunda, a redução transcendental teremos o exercício que se edificou pelas seguintes perguntas: o que entendemos sobre a relação da verdade e do mundo? Será nesta relação uma condição para o conhecimento, no compromisso que temos com a verdade em

¹⁵ Ser e Tempo , § 14. Conferência sobre a essência da verdade coloca o estudo do *Dasein*, naquilo que atua como quiditativo, o que pertence ou se refere à essência ou substância essencial de alguma coisa.

seu sentido, ou, seria antes uma busca do sentido para a verdade?

Esta última, em especial, transparece ser aqui o motivo que nos leva ao ponto de retorno a Husserl. Pois, diante da nossa proposta, concretizamos o seu desenvolvimento partindo do método fenomenológico, em que o pensador coloca o sujeito aquele capaz de desenvolver o saber e realizar atos perceptivos, dos quais, refletem sobre ele mesmo. Posteriormente, há nesta condição um exercício da reflexão de onde é colocada como estado de sua afirmação, aqui trabalhada como estado da consciência. Logo, a coisa é.

Por esta formação, efetivada na fenomenologia, a consciência do *Dasein* é tomada como “ ponto chave” da proposta, levando assim, para um posicionamento que o formaliza no mundo¹⁶. Em outras palavras, este conceito remete a proposta da “vivência”, descrito como atuante, dá-se pela participação do próprio sujeito a compreensão da participação, enquanto percebido no mundo.

As coisas que são vistas e como se mostram no mundo, nos coloca diante de um ser desvelado como próprio da experiência. Efetivando assim, o sendo como prova que sustenta a participação dentro de uma vivência.

Concebemos nesta participação, o exercício que traz em sua efetivação a consciência pela qual o sujeito registra os atos da análise de sua percepção e de perceber o mundo como verdade. (Cf. Bello. A; Introdução à fenomenologia: “a fenomenologia como método”, cap.2).

Dizemos deste modo também, que estamos diante de um método que desde já, o concebe como participação que se edificou na relação da consciência do *Dasein* como prova que justamente em Kant, traz uma posição efetiva do ser do mundo. Em comum e ao mesmo tempo em sua atuação, deverá ser em nossa proposta os registros da percepção do mundo que nos leva ao ser. Assim, nesta primeira fase, colocamos o problema da verdade como prova condicionada pela consciência perceptível, de modo que a concebemos por registros que compõe o próprio mundo. Esta afirmação da condição da verdade, dá-se, enquanto apresentado pela reflexão que envolve o sujeito para a clareza da existência de modo afetado. Tal prova dá-se no encontro efetivo da exposição do mundo que nos leva ao preenchimento do vazio, por meios que se afirmaram pela busca da verdade do ser.isto ficará mais claro no capítulo seguinte, que trata do conceito de matemático e sua relação com o método, de modo que justificará na experiência o fundamento da verdade edificado no próprio mundo.

¹⁶ O mundo em sua relação ontológica traz pela fenomenologia, o reflexo do *Dasein*, quando atuante no próprio fenômeno vigente do mundo. Assim, dizemos que é na consciência do ser-aí que este estado deposita o nosso sentido; participação esta pela qual tratamos como vivência (*Erlebnis*).

2.O CONCEITO DE MATEMÁTICO E SUA RELAÇÃO COM O MÉTODO

Trabalhar o conceito do matemático, partindo da relação com o conceito de método, nos coloca diante da atividade que encontramos na cadeia de atribuições da existência. Uma relação que traz em si, as coisas como modelo que em sua base parte do seu sentido comum, ou seja, para um encontro que parte da experiência. Deste trato, encontramos uma relação dentro do modelo que identifica inteiramente a experiência como atividade em formação. Coisa esta que encontramos e creditamos em seu modo essencial, por um dá-se no mundo para a construção de uma relação, em que parte justamente das sentenças fundamentais que, por esta via, possibilitou edificar aqui o valor de conveniência, pois que falamos de uma relação da efetividade do mundo, e deste como fim¹⁷.

Aplicaremos neste encontro o que se enquadrou no modelo, que traz o exercício daquilo que pode ser ensinado e apreendido num sentido privilegiado¹⁸. Assim, de um aprendizado, este que é em seu papel formador nos coloca nestes dois exercícios, pois aqui encontramos a característica fundamental do método.

As possibilidades deste resgate como fundamento faz da relação desta proposta, movimento que coloca o mundo como “identidade”. Este desmembramento ontológico, promovido pelo valor de identidade que nos cerca agora, por fazer do fundamento do método matemático a atividade que traz em as referências, das quais o ser é enquanto dado no mundo.

O método do matemático é uma atividade que traz em si, o que é ensinado e apreendido. Como papel formador, pois, que na medida em que transportamos a aplicação de sua relação como objetiva, enquanto parte de uma conexão interna que seu resultado nasce da proposta que se apresenta por uma espécie que efetiva o conhecimento do ser. Uma aproximação do que é e existe. O método matemático é este posicionamento elevado da proposta da verdade, conduzindo por aquilo que se propôs como desenvolvimento da efetivação da condição de ser. Tal propriedade se estendeu ao mundo como exteriorização do conhecimento, de onde encontramos também uma condição que nos leva a formação da condição da verdade. Assim, traz pelo reconhecimento, a prova ontológica da qual nos leva

¹⁷ Do mundo como Referência: “o ser do Dasein e a sua relação com o homem.”

¹⁸ Colocamos o “apreender”, de modo que nestes dois exercícios como acompanhamento da característica fundamental do método, encontra a possibilidade do resgate do fundamento; fazer-se na relação da nossa proposta, o movimento de identificação, a fonte que leva em conta para o sentido ontológico. Uma proposta que o método do matemático é o que pode ser ensinado e apreendido em seu papel *formador*. Pois na medida em que transportamos a aplicação de sua relação, o objeto enquanto parte de uma conexão interna, traz pelo “eu” o seu resultado dentro da proposta que se apresenta; uma espécie de aproximação do que existe entre ser e mundo.

para a condição da afirmação do ser; a condição dês velada pelo movimento simultâneo do mundo.

A proposta que seguiremos, consiste em desenvolver o conceito daquilo que pode ser ensinado e aprendido, num sentido privilegiado. Pois aqui o termo matemático, (*τὰ μαθηματά*), nos é apresentado de maneira que consumamos uma conexão interna entre o “matemático” e o “método”, ao passo que nos coloca diante das coisas que percebemos, das quais estas mesmas coisas se definem mais claramente, de modo que, determinadas por figuras que distinguem o conjunto dos seres em sua análise e síntese.

Por considerações que erguemos até aqui a respeito da prova da verdade pelo método do matemático, cujo seu propósito até então, está voltado para a condição da efetivação do ser em sua posição determinada no mundo, fazemos por este capítulo, o trabalho de organizar o processo que nos leva para relação, quando temos, da finalidade que o mundo é em seu apogeu¹⁹.

Colocamos no método heideggeriano como sendo a prova da organização que em seu fim, se apresenta diante de um *λόγος*²⁰.

Em nossa proposta encontramos o ser efetivado e acabado no mundo. Deste modo, seguiremos dentro do valor de compreensão partindo do compromisso que formulamos a respeito das condições estabelecidas dentro da relação do seu encontro com método o matemático, o ponto de partida que exterioriza o mundo na medida em que desenvolve o seu transporte para o conhecimento como expressão; um *λόγος* que revela este ser no mundo em seu modo determinado.

Colocaremos neste capítulo, o tratamento que esta questão apresenta diante da aplicabilidade do método, em seu conceito elevado. Coisa esta que pretendemos trabalhar, pelo método matemático, uma formação do que entendemos ser parte de um espaço preenchido e dado pela linguagem dês veladora do mundo.

Como algo próprio da condição afirmada no pensamento heideggeriano, que nasce diante do que ele se refere como “essência do eu”, dentro de uma conformidade fenomenológica do mundo. Para isto:

... O eu é o que sabe de si mesmo; este estar na consciente de si mesmo determina o ser de si mesmo. A consequência natural dessa determinação é que o eu se dissolve num feixe de representações. Estas permanecem assim, mesmo que todas elas se

¹⁹ Que é o mais elevado, o ponto mais alto.

²⁰ Emerge na proposta de Parmênides e Heráclito. Especialmente na filosofia de Heráclito e dos estoicos, o princípio racional que governa e desenvolve o universo.

ordenem para um polo só, o chamado polo do eu, donde elas se irradiam (...). Nem o agir, nem mesmo a decisão, nem até o caráter fundamental da historicidade e da dependência essencial do homem em relação com a co-presença dos outros homens servem aqui de principio e arranque para si mesmo. O caráter pontual, sem historia nem espiritualidade, do eu cartesiano corresponde inteiramente ao que o primado do pensamento matemático decide a priori sobre seus possíveis objetos. A consciência do eu e sua forma é que aqui determinam o ser do si mesmo. Este primado da consciência diante do ser decorreu de modo totalmente arbitrário, pelo predomínio do método matemático. (HEIDEGGER; Ser e Verdade, 2007, p.56).

Como conceito chave de uma condição do conhecimento, concebemos por aquilo que de certa forma, constituímos o ser - no - mundo pelo fato de que, outrora se disse de uma ação que nos permite fazer um empreendimento do trajeto mais eficaz; encontrado pela participação factual, de modo que se baseia, mesmo relativo a fatos que constituem a proposta, ou seja, por aquilo que encontramos condição da verdade, a sua exposição no mundo que nos faz remeter, se assim, ao ser dentro de um motivo que nos leva agora ao compromisso de sustentar o papel que deverá ser assumido como relação da posição que encaramos o mundo como próprio da expressão de uma factualidade ontica. (Cf. HEIDEGGER; Ser e Tempo, 1984, §.27).

Colocamos diante desta característica fundamental do pensamento heideggeriano, algo que persiste em favor do método do matemático, por uma atuação da proposta encontrada na corrente existencial, como sendo a causa que direciona um olhar para dentro da participação de uma referência do ente. Nesta participação, em que abro um breve destaque, assegura por uma via tomada do estudo ôntico²¹ do mundo, que traz em si, a finalidade que aqui se estende por conhecimento, ao que dizemos, enquanto possibilidade do modo que objetivamos a proposta que se ergueu como *a-lethéia*: “o desvelar do mundo, revela o ser que é no mundo”. Com isso, dizemos que Heidegger em referência a Spinoza (1632-1677) em sua principal obra: “*ethica more geométrico demonstrata*”.

Aqui faremos um breve comentário histórico. Quando Spinoza intitula a sua obra principal de “*Ethica more geométrico demonstrata*”, o uso de geométrico não significa o procedimento da geometria analítica, mas ele pensa no procedimento é moldado pelo sentido formal geral e não por elementos determinados do espaço e por figuras especiais. (HEIDEGGER; Ser e Verdade, 2007, p.45).

O destaque da relação do aprendizado com conhecimento. Para isto Heidegger , quando se refere a Spinoza, o método do matemático como sendo a condição dada pela

²¹ Referente ao ente no mundo que o sujeito contempla.

formação de um modelo formal, ao mesmo tempo em que atua de modo geral para a formação do sujeito; procedimento moldado pelo sentido formal geral e não por elementos determinados do espaço e por figuras especiais.

Como *μαθήμα*, o matemático é tudo que simplesmente pode ser ensinado; o que pode ser aprendido num sentido especial e privilegiado; *μάθησις* é prender, *μανθάνειν*.

Por este matemático, tomamos como “causa inserida”, para a participação do que compartilhamos e instauramos como formação. Adequadamente expressa na ontologia contemporânea encontramos a participação ontológica do ser do mundo, pois que aqui ganha tamanha significação, pelo menos como desenvolvida na proposta do pensamento do filósofo, enquanto que por este, realizamos a ponte com os modernos; para o resgate do caráter fundamental da filosofia. O fundamento deve ser colocado pelo trabalho que se revela para a verdade, através deste matemático retoma a condição de ser (*τὰ μαθήματα*).

Antes de começarmos a trabalhar a questão deste método, devemos nos atentar ao que está relacionado, em termos gerais, o seu conceito. Entre o método matemático e o percurso que propomos até aqui, está voltado num sendo como processo que nos leva ao encontro, enquanto possibilidade de uma efetivação, provindo da análise e síntese²².

Deve-se então, levar em consideração a aplicação deste sentido, enquanto existência da verdade, pois, assim veremos que estamos diante daquilo que constitui e que, de certa forma, participa do interesse do compromisso de fazer desta questão, aquilo que envolve o ser como algo determinado no mundo, firmado pelo estado da consciência do *Dasein* a ponto de afirmá-lo como ser, como ente. Encontramos deste modo, o ser dentro de um contexto do próprio exercício da consciência refletida na subjetividade, trazendo na linguagem, e por aquilo que nos leva de certa forma em revelar o mundo, como prova estabelecida e refletida pela própria ação subjetiva que coloca o mundo em sua totalidade.

Uma afirmação do ser-aí se dá a entender a partir do seu mundo. Significa então, o seguinte: neste vir- ao- encontro- de- si a partir do mundo; o ser-aí se temporaliza como um em si- mesmo para ser.

Diante do seu envolvimento, enquanto interesse da revelação do mundo, dizemos de uma ação da linguagem, ao passo que concebe dentro deste espaço, preenchido do sentido do ser como uma verdade factual, logo nos concebe fazer desta verdade aquilo que se apresenta para nós como determinado e concebe na própria linguagem ordinária do campo de interesse como real e verdadeiro sentido no mundo. Por esta relação, que existe entre o método e a

²² A “essência” do método do matemático (*τὰ μαθήματα*) se consumiu por “valor de consequência”.

subjetividade, colocamos as considerações que nos levaram para não rejeitar a proposta desenvolvida por sua expressão encontrada na identidade do ser, a linguagem de uma verdade no mundo. Identificamos tal proposta como próprio da apropriação do método pelo exercício do sujeito, diante da identidade do ser que se encontra na efetivação da linguagem. Deste modo, podemos dizer que esta possibilidade, edifica uma construção encontrada pela permanência de sua interpretação.

Perguntemos agora: o que é no mundo? Será uma efetivação que por sua vez consuma por excelência da essência, o próprio método que deverá garantir o valor do reconhecimento como propriedade? O valor de verdade no mundo dá se enquanto condição do que é e está sendo, assim, entende-se aqui por uma relação dentro da participação factual, enquanto valor do seu reconhecimento?

Fazemos por hora e dentro da relação do método, uma existência encontrada pela participação efetiva do mundo como condição da própria verdade. Coloca diante de uma relação para a condição do ser como ponto de origem do conhecimento como efetivação do matemático. Aqui, atua-se como expressão do mundo, transportado como conhecimento dês velado. Tal condição efetiva o abrigo para própria condição desta que é uma relação com o mundo.

Afirmada pela linguagem, coisa que estará mais afrente em nossa proposta, traz dentro da concepção de verdade a sua formação. Pois encontrada pela expressão do mundo, atua de certa forma, ao que cerca e coloca no homem um estado de entendimento de ser. Com isso Heidegger, à medida que trabalha para a construção ontológica do ser, coloca esta questão diante da possibilidade que garantiu aqui, o cerne da proposta ontológica de modo que o nosso compromisso é com o matemático e a sua exposição no mundo. Pelo método, ao passo que este se torna aqui o caminho mais viável para a conveniência que possibilita assegurar, em nosso desmembramento filosófico, colocarmos na questão primeira da qual procuramos desenvolver a verdade num dado proveniente da relação do conceito do método na própria história.

Veremos que diante desta relação, no que compõem o sujeito para uma proposta que se dá na possibilidade de tomar como efetivo e existente o ser no mundo, faz-se, de certo, e em sua participação diante do que se apresenta em torno da construção do conhecimento que deverá atuar enquanto possibilidade dês veladora da presença de ser como verdade, propõe-se então, aqui, um reconhecimento do mundo como ação efetiva do ensinar que nos leva ao movimento que parte da proposta que em sua característica principal, participa da relação que admiti o método como domínio de uma sistematização do ensino e aprendizagem: o “fator

verdade”. Para isto cito:

E que é que pertence originariamente à essência dos *μαθήματα*? Ensinar o que é para ser ensinado, o que se pode aprender e ensinar. E o que é isso? O termo evocado acima como palavra de uso das coisas à mão, da produção, do que se tem diante de si; é uma palavra da apropriação e comunicação (tomar e dar) sem nenhuma característica de conteúdo. (...). Ela se caracteriza, pelo fato de se tratar de absorver, respectivamente de comunicar conhecimentos e reconhecimentos como tal, verdades como tal, pois isso que é justamente *aprender e ensinar*. Todavia, com isso ainda não se disse o que é, então, conhecido. (HEIDEGGER; Ser e Verdade, 2007, p. 46).

O efeito provocado pelo método de onde encontramos dentro da participação ontológica heideggeriana, quando não se aplica propriamente a efetivação do que é desprovido daquilo que se enquadra no subjetivo, torna-se particular como próprio do sujeito. Pois, se elevarmos nesta condição o conceito de arte no seu geral nos conduz para o conhecimento que de certa forma, faz com que atuemos pelas várias disposições de sua aplicação. Neste exemplo, colocamos uma efetivação como parte do que dado no mundo, um ponto pelo qual reconhecemos o sublime fato de que dotamos no homem o para a condução da verdade como sublime e singular. Ao mesmo tempo em que participamos de uma multiplicidade que fez deste o nosso objeto.

O método se faz então como resultado de uma presença no mundo, onde, levaremos em consideração o matemático, enquanto meio utilizado por aquele que o desvela em um mundo já dado, apresentado e que por este resultado, o método se apresenta. O matemático parte tanto para sua amplitude como também para o efeito que o concebe com tal, e disto falamos da relação que existe entre o ponto que o torna evidência de uma denominação que nos leva à referência do ser dentro de uma relação. Ao mesmo tempo em que encontramos o compromisso dado pelo fato de compreendermos, este ser no mundo. Também por compreendermos os outros entes presentes no mundo, colocamos dessa maneira, como possibilidade da relação entre sujeito e método, de modo efetivo em que o ser vive autêntico diante de um mundo que o rodeia.

O reconhecimento deste exercício, entre o matemático e o método coloca como proposta da sua concretude o encontro efetivo pelo “afunilamento” destes dois objetos como propriedade no mundo. Estamos falando do ser como verdade no mundo, e do sendo como força da atuação do ser. Por isso, colocamos *ἀ-λήθεια* como própria da proposta ontológica,

dentro da perspectiva que cerca o sendo num campo da possibilidade da sua aplicação. Pois, tal é esta procedência do matemático que coloca nas definições próprias da corrente existencial, um processo assegurado pelo sujeito diante do que deverá estabelecer o sentido próprio da sua objetividade; o ser tem o caráter de uma coisa que se afirmou enquanto via assegurada pela essência da verdade, e o matemático para Heidegger deve atuar como próprio da essência dos *μαθήματα*.

Também dentro da disposição que elevaram o ser como iluminação na linguagem, trabalharemos, no capítulo seguinte com mais precisão, aquilo que nos assegura como valor da aplicação apresentado como característica fundamental de uma efetivação encontrada diante do modelo ideal para a construção de uma ciência fundamental, diante de uma procedência que nos coloca diante do compromisso de uma atenção gerada pelo trabalho de afirmar suas aplicações como um agente factual que se apresenta por uma linguagem, formulações para o estado de ser, coloca deste modo, o que encontramos na linguagem aquilo que trabalharemos para uma formação. Assim, dentro de uma cadeia existente e movida pelo devir, tomaremos como alvo para a nossa aplicação a sua prova dentro do procedimento eficaz que edifica por um efeito promovido por uma apresentação funcional do método. Como base encontramos o retorno à visão imediata e penetrante das sentenças e dos conceitos que tornam desta forma a regra básica do método.

O reflexo desta condição se deu por adquirimos, nesta postura, o que adotamos como concordância de atribuição de uma propagação contínua. Assim, veremos no fundamento uma proposta que desencadeará a própria concordância de sua condição; o ser dentro desta partida deverá levar em consideração a observação como uma disposição das sentenças que se agruparam no mundo. Ao contrário disto, tomaremos como erro fatal se trabalhar assegurados pelo método uma proposta diante do que sintetizamos ao que confiamos no sensível à propagação da razão. Pois que, o homem vê no intelecto, a formação como ponto chave de toda nossa interpretação. Dizemos que o sujeito vê nesta relação uma possibilidade assegurada pelo curso que traz em si, uma apresentação adquirida como fonte para a existência da verdade.

Para isso, o ser deverá aqui, caminhar junto à condição da evidencia como próprio da essência. Tomada por uma ontologia que se ergueu como finalidade em seu resultado no mundo, e disto faremos referência ao fundamento como origem. Pois, o fundamento que concebe esta via da açã erguida por referências que caracterizaram a essência do ser, como sendo aquilo que é em sua particularidade, ao mesmo modo que há um movimento que constitui em sua forma mais “comum”, traz a essência tomada pela verdade quando em sua

compreensão, encontramos uma proposta da conexão intramundana. Disto falamos do conceito do matemático em sua relação com o método, ao passo que nos é colocado por uma ligação que nos leva a formação diante da correspondência que até agora, traz o ser como presença na própria consciência do sujeito.

Uma interação para o próprio conhecimento é aqui o exercício que determina o ser como coexistência no mundo. O modo que produz e desenvolve para si, o conhecimento que expressa e estabelece nas sentenças a sua afirmação. O matemático, por tanto, torna-se nesta exigência, seja esta fundada pela proposta geral como prova de um tratamento pelo qual tratamos aqui, de onde se determina aquilo que é ser como sendo. Por isso, dizemos que já se estabeleceu uma procedência na relação em seu modo efetivo que sempre enquadra o ser ao que se inseri no sujeito.

Para toda e qualquer compreensão de mundo, afirmamos esta condição exteriorizada do sendo, retornando ao fundamento como uma procedência que por uma determinação desta corrente ontológica, se diz que na relação do matemático como método se instala como conceito fundado na essência como prova da verdade.

Esta possibilidade é alcançada mediante a sua formação, que condiciona o homem pelo compromisso com a verdade. Colocando em seu fundamento, o exercício de onde o objeto da nossa investigação emerge também por seu resultado. A saber, dentro de uma universalidade que tem como principal característica; coincidir com a forma fundamental da procedência do matemático, abre-se então um espaço para a realidade que encontramos. Colocando por meio deste espaço, o transporte efetivado pela própria lógica que se apresenta como doutrina para a verdade.

O matemático como parte de sentenças fundamentais, organizadas por axiomas que cada um pode chegar por si mesmo a condição do resgate ontológico do ser, traz nestes axiomas o que se desdobra por sentenças consequenciais, cuja sua sequência desenvolve em si mesma, e por isto, traz em si continuidade e meta de um procedimento completo em si mesmo. Ou seja, ele já é em si mesmo caminho, método.

Uma vez que consideramos como caminho, o matemático assegura e garante em primeiro lugar uma distinção entre o verdadeiro e o falso, e em segundo, coloca no método aquilo que em seu curso nos leva ao conhecimento como tudo que pode ser conhecido no seu respectivo setor. Esta até aqui, pode se dizer de uma essência do método que retira nestas duas condições fundamentais, o procedimento que há de satisfazer e tornar-se a condição para a verdade. O modo em que colocamos como principal questão do real sentido sobre o conceito do matemático e a sua relação com o método, se encontra em uma explicação devida, da qual

nos conduz a fonte da obtenção do conhecimento.

Para Heidegger, não se pode haver esta completude do conhecimento, de modo, algum se não por intuição ou dedução. Como ciência fundamental e universal, oferece ao mesmo tempo, o modelo ideal de toda ciência em sua cientificidade, colocando assim, tanto na intuição como formalidade das questões que insuficiente se desenvolveram como correspondência entre o matemático e o modo da presença no mundo, e que por estas duas correspondências mais a frente, serviram de possíveis “respostas” para a nossa proposta, na diluição de ambas; fazer-se com que afirme em uma só condição o resgate da verdade do mundo. Em outras palavras, colocamos o método matemático por aquilo que se efetiva como conhecimento, partindo da máxima em sua sistematização simples, de modo que nesta condução nos leve para o conhecimento, do qual, encontremos como verdade ontológica do ser.

No campo da efetivação no mundo, o ser se apresenta decorrente de uma organização, apresentada por uma real participação do *Dasein*; o ser- aí faz com que a nossa proposta ontológica, apontar que pelo método a nossa questão se sustente por seu conteúdo. Por esta observação, concebemos o fator determinante da proposta, em que encontrada quando percebidas as coisas, aqui e mais claramente se compreendeu enquanto a acompanhamos juntamente ao conceito grego do *τὰ μαθήματα*.

Colocamos, pois como prova do reconhecimento da proposta ontológica de Heidegger, diante da proposta que resgata como valor histórico do termo aqui trabalhado. Em conjunto disto, e, com o que propomos neste capítulo, quatro pontos, que destaca, por depositar no sendo, o fruto de um “juízo” do ser em um (in) mundo. Para isto, colocamos o seu transporte enquanto “essência” do desfecho naquilo que consiste em: a) no que se instala, cresce e desaparece por si mesmo e a partir de si: *τὰ φυσικά*; b) o produto do trabalho artesanal: *τὰ ποιούμενα*; c) as coisas em uso de determinado modo: *τὰ χρήματα*; d) sobre aquilo com que lidamos: *τὰ πράγματα*.

Estes assim, pode-se dizer que trata de um conjunto que nos leva para a compreensão mais eficaz do conceito do matemático, que até aqui, coloca-se diante da relação do método. Fazendo com que retomemos neste conceito formado pelos gregos, como atuante da prova do reconhecimento do mundo, de modo que constroem e seguem dentro da nossa proposta ontológica, como prova da verdade inserida no próprio mundo, de modo que, “(...) a todos esses quatro setores é próprio e característico que os objetos correspondentes se detêm e se tornem acessíveis em que cada vez, numa determinada experiência e um modo próprio de lidar com eles, e somente assim (...)”. Fenômenos naturais ameaçadores e estimulantes,

ferramentas de trabalho, armas, viver e objetos de troca, matéria-prima e coisas desse tipo, tudo isso só vem ao encontro em determinados contextos a experiência, dentro de determinados níveis da atividade humana, numa dada situação histórica. (Cf. HEIDEGGER; Ser e Verdade, 2007, p. 47).

Levaremos também em consideração que este ordenamento de conceitos nos é enquanto colocado como conhecimento, seguido de uma análise e síntese, sendo estas, a essência para o esclarecimento. O propósito de desenvolver esta essência, por esta via, que tenta validar um procedimento elevado do método heideggeriano, como existência do que é ser no mundo é tomado pela forma do seu conteúdo. Como também pela exposição do estado de compreensão da prova da própria revelação da verdade. Assim, pela via que traz esta relação do método matemático com a condição da questão fundamental, que se apresenta como linguagem que nos colocando diante da seguinte questão que traz na linguagem uma abertura concentrada para a influência soberana do sendo²³.

Como é que esta relação nos adianta a articulação da questão da essência da verdade?

Desvelar o ser como verdade encontra na linguagem a proposta do método como fonte esclarecedora, que aqui faz do conhecimento aquilo que nos leva para um mundo desvelado. Colocamos em condição efetiva a “forma” que toma o seu conteúdo na proposta da verdade que se lança para o homem como formação. Esta afirmação de uma “propriedade” resgata o ser de modo que o afirmamos no mundo em seu dês velamento que agora é conhecimento.

Levando em consideração esta questão, podemos trabalhá-la pela característica que assegura um valor categórico?

No campo do fenômeno sim. Pois, que esta compreensão acerca da condição para a verdade, se dá ao encontrarmos como uma funcionalidade da qual estará elevada, enquanto procedência que rompe com os padrões da lógica, assegurados pelo valor de compreensão, de onde é submetida à correspondência quantitativa da observação. Assim, dizemos do reconhecimento como objeto de uma efetivação que trabalha pela aplicação do método, a sua observação fenomenológica. Partindo das condições que se compreende como uma liberdade para o conhecimento do mundo, e disto se dá como análise que se é investido o ser no mundo.

Para compreendermos e desenvolver esta questão, dizemos das intenções levadas pelo filósofo, diante da moldura para o conhecimento do ser. Disto ele Heidegger diz:

(...) “Há certos conhecimentos e representações que o homem não obtém

²³ Ibidem, p. 124.

de algum modo por lidar com as coisas e utiliza-las com base em experiências e trato, mas com os quais ele se depara inteiramente por si e a partir de si mesmo, sem depender em nada da extensão, do fundamento e da espécie de suas outras experiências já feitas; trata-se de conhecimentos com um modo próprio de tomar e dar(...)”. (HEIDEGGER; Ser e Verdade, 2007, p.47).

Neste percurso, fazemos do sujeito àquele que se dispõe de uma projeção para fora deste espaço, ou seja, estará este, no que se refere ao movimento que traz uma volta à fundamentação, pelo qual o aprendizado consistirá, em cada sujeito, retirar o saber de si mesmo e o lança para fora deste. Assim falamos de uma ação que é colocada pela comunicação à disposição do saber. Uma ação bem próxima do que este método traz para o sujeito, a busca da verdade como antecipação ontológica do ser.

CONCLUSÃO

O sentido que permanece dentro da proposta ontológica, traz o reconhecimento do que é ser por uma condição efetivada pelo conhecimento, de onde colocamos como sendo prova fornecida para a condição da existência. A sua forma acabada, prova de uma finalidade no mundo, só reforça ainda mais uma discursão sobre o conceito de verdade. Este procedimento de reconhecer o ser, pelo movimento que se afirma, dá a si mesmo, os objetos constituídos pela possibilidade do que se possa efetivar pelo conhecimento. Disto à medida que, por assim dizer, da formação, dizemos de competências que se vinculam a condição do que o afirma: formar e elaborar o conhecimento dentro de uma simultaneidade. Pois, é por esta abordagem utilizamos o contexto interno do método como uma interação de uma relação estabelecida.

O matemático encontra no sendo, a própria condição de formar e elaborar o conhecimento. Nessa condição traz como objetivo a procedência do método que efetiva o procedimento para a condição do conhecimento, que aqui se destaca na própria experiência. Criando para si mesmo a sua regra, ou seja, uma procedência para a verdade. Como procedência, podemos dizer de um movimento de metas estabelecidas para a formação do homem. Completo em si mesmo, ou seja, ele já é em si o caminho que nos leva a verdade do ser do mundo. Um método pelo qual o primeiro movimento traz a verdade pela observação que está compreendida no conceito de facticidade, como caráter próprio da condição humana em que cada homem se encontra já comprometido pela situação não escolhida. Desta forma a proposta da condição do *Dasein*, assegura um conceito particular e que, por sua elevação no pensamento de Heidegger, nos traz como formação do pensamento, o conhecido que se expressa diante da compreensão da exposição do mundo. Fazemos então da condição que encontramos estabelecida e passível de mudança, *-Devir-* a finalidade do que existe e está sendo no mundo por seu processo de produção participativa.

Podemos dizer com isso que é um erro pensar que o matemático seja aqui apenas uma forma externa da divisão de composição de sentenças e conceitos, mas que, em sua síntese, vê no conteúdo da filosofia, ou mesmo no ordenamento das coisas perante o mundo em sua relação da qual esta se tornou tão ampla e profundamente atingido pelo seu método que coloca o matemático por uma procedência universal, de onde decide o que é num ponto de vista filosófico, daquilo que pode ser sabido e como este conhecimento por sua “revelação” há de sê-lo.

A forma do saber matemático não é para filosofia apenas uma moldura externa de representação de um sistema que se envolveu como aprendizado, mas antes disto, uma lei

interna que determina, mediante seu percurso, um princípio da própria filosofia. Pois, é neste caso uma atuação simultaneamente da ideia da verdade, a passar pelo estado da consciência do sujeito. Ou seja, apropriar-se de uma coesão, que tem em sua finalidade, demonstrar o seu fundamento como ser, por sua funcionalidade.

Dizemos do percurso realizado ao longo da história da filosofia, o reconhecimento do movimento que por muito se expressa e dá força a nossa proposta ontológica. Esta força que começa com os pré-socráticos com Parmênides e Heráclito, passando pela idade moderna com Descartes sobre aquilo que é indubitável no sujeito e sequenciada em Kant, sustentando condição da consciência da coisa, vê que ao passar por nossa contemporaneidade, Heidegger inaugura em seu pensar, esta condição do *Dasein* para sustentar o “entendimento” de uma atuação em que dada sequencialidade, surge para a construção do conhecimento da verdade como condição de um dá-se, do qual chegamos ao determinado, chegamos ao ser que é, e, este é para com um fim. Motivado outrora por seu mestre Husserl, Heidegger como aluno não acreditava em uma condição da consciência de ser, mas sim na apresentação dos fenômenos como forma da verdade em sua expressividade. Seria o mundo como expressão e não como fenômeno. Coisa esta que sustentamos, partindo do método do matemático, procedimento que traz por esta mesma verdade a exposição da expressão pela qual o ser se expressa no mundo.

Na exposição feita por Heidegger, temos para o conceito do matemático que é tomado aqui como movimento que encontra no ser dado a sua determinação. Por esta condição, utilizamos a análise e síntese como conceitos que acompanham para o desenvolvimento da proposta do matemático remetem para uma relação que existe entre a identidade e o conceito. Relação esta que estabelece o ser como finitude, pois, o que existe, coloca a prova do seu estado determinado. Um mundo que aparece como síntese do que é ensinar e aprender. Trazendo o objeto da relação do condicionamento do conhecimento. O ser se abrigou no encontro da finitude do mundo bem como identificamos como evidência do seu estado: “a presença desvela o ser da presença”.

O modo que diferenciando da forma mais abrangente do seu significado, o matemático do conceito grego *τὰ μαθήματα*, e que diante deste, faz da nossa proposta ontológica dentro de uma conexão interna que existe entre o ser e o mundo.

O seu conhecimento parte das experiências que se afirmam por um condicionamento efetivado, nos colocando diante do tratamento do reconhecimento como modelo da ação toda própria. Um tomar e dar em seu sentido privilegiado para o conhecimento nasce desse tipo de atividade, pois, dá-se naquilo em que a sua finalidade é o seu resultado, a sua verdade

desvelada.

Embora não seja a única que nos é apresentada, enquanto objetivos do método diante da proposta da relação promoveram nesse trabalho aquilo que encontramos como sentido extraordinário. Acreditamos que em seu modo essencial, um dá-se no mundo, efetiva a construção da relação que parte das sentenças fundamentais que possibilitam edificar a efetividade do mundo como fim.

O mundo como expressão de uma compreensão que se ergue por “horizonte aclamado”, tem a sua origem na excelência da derivação de uma ontologia inaugurada na condição da existência. A verdade do ser se encontra dentro do campo da existência, e que tem, em seu princípio, tratar do fenômeno como prova ontológica do ser, e este como conhecimento é desencadeada pela consciência do mundo. Heidegger coloca a verdade como harmonia; uma característica no sentido que se encontra na unidade da concordância. Assim, parte do que se apresenta especialmente aqui como efetivo de uma comum unidade do conhecimento, coloca conseqüentemente uma prova da efetivação do ser como verdade no mundo.

Kant nos mostrou na Crítica da Razão Pura, a proposta que norteia o conhecimento de uma estética transcendental, que aqui significa a teoria da percepção enquanto transcendente. Colocando fora do alcance, e por esse movimento que se aproxima de uma proposta para o conhecimento, antecipado em sua forma simultânea. Promovendo na experiência, a condição para a própria realidade. Para Kant, os quadros *a priori* do espírito, por exemplo, se encontram na experiência depositada no próprio mundo e para o sujeito. Pois que o sentido da existência das coisas pela efetivação da identidade determina a verdade como consumada na participação²⁴.

Uma questão fundamental que forma e elabora o conhecimento, trata da verdade como conhecimento do mundo. Parte desta participação traz uma ação pelo modo que o determina e o afeta. Pois em seu sentido privilegiado o método do matemático é simplesmente tudo que pode ser ensinado, o que pode ser aprendido em determinados contextos da experiência, dentro de determinados níveis da atividade humana e para uma dada situação histórica (cf. HEIDEGGER; Ser e Verdade, 2007, p.46).

A visão fenomenológica circunscreve-se no âmbito do desvelamento do ser em geral. De modo que o método baseia-se fundamentalmente no âmbito do ente, ou seja, no âmbito do ser simplesmente dado, a fenomenologia, enquanto modo de acesso fundamental para o

²⁴ Sujeito-objeto-sujeito.

conhecimento projeta-se agora, a partir do ser mesmo enquanto disposição o que não quer dizer que o ser seja um objeto a partir dos dados dos sentidos, mas que promove aqui, em sua procedência, a resposta para a questão do método na filosofia. Pois a questão da essência da verdade e o querer a verdade de nossa presença, significa, num primeiro momento: sondar o que é, pois, a verdade “em geral”, em que “consiste propriamente” algo assim.

O método “determina”, para uma formação pré-estabelecida no mundo, o valor da propriedade que “nasceu” como condicionado do conhecimento, assim, não abriremos mão de uma simultaneidade que se afirma na própria consciência do *Dasein*.

Apresentada por uma consciência elevada do mundo faz desta condição, aquilo que se apresenta mediante um processo de nossa subjetividade. Parte disto, vemos em Descartes uma proposta dada na consciência do eu, como prova do saber elevado de si. Em outras palavras, este estar consciente de si mesmo, determina o ser do si mesmo diante da representação que leva para o homem o caráter pontual do ser, de modo que colocamos como condição no mundo por sua efetivação da qual o homem concede em si, e em sua escolha. Disto, faço uma pequena observação para a participação do sujeito, que se desdobra num eu subjetivo diante de sua finalidade para o conhecimento do mundo. Assim, partindo da condição da participação e exposição do mundo como uma referência a condição humana, existente em um mundo cercado pela exteriorização, da qual encontramos diante da questão em seu estado de afirmação, concebe na consciência o real que por sua importância, coloca no próprio homem o próprio do sendo. Este é o sujeito dinâmico das relações com o mundo que tratará deste modo, à verdade que pelo método, encontra a via do conhecimento.

A saber, o matemático se apresenta como clareza do que de fato encontramos em um mundo dado. Objetivado por participar dentro de um espaço que ele mesmo constrói como percurso para a possibilidade de traçarmos um caminho mais eficaz, devemos instaurar na consciência do *Dasein*, pelo sujeito, a participação de uma funcionalidade caracterizada pelo fator que o determina no mundo. Uma ação que parte da concepção que estabelece, seguida de uma abordagem que traz em si a efetivação de um “fenômeno determinado”, uma condição que, acredita-se ser aqui, nasce da possibilidade emergente da perspectiva que se fecunda o poder da interação com o mundo, em outras palavras acredita-se que encontramos, pela interpretação apresentada, a postura do ser que atua no mundo como conhecimento. Assim, vendo que ao se relacionar, o sujeito interage por este respectivo setor, favorecido por um eu consciente, a exposição de uma pré-compreensão encontrada no mundo.

Deste modo, podemos dizer que o surgimento dos axiomas coloca nesta concepção o ser que se faz presente por uma funcionalidade operante da interação que se caracteriza como

participação ordenada e fundada no mundo, sendo que o cogito pensa a sua independência partindo da experiência encontrada entre nos axiomas e sentenças derivadas, e sob uma superação do princípio que identifica os modelos de sua interpretação, traz neste curso a sua objetividade pelo compartilhamento do saber, considerando o modo efetivo de ser e, principalmente, encontrando nas disposições do saber essencialmente ontológico da própria filosofia, torna-se desde já método alcançado e efetivado pelo homem.

Dizemos então da proposta ontológica que nasceu pelo exercício que configura o método matemático com sendo a condição que o ser encerra em si mesmo, como verdade ontológica. O “presente” que se é tomado aqui é seu próprio resultado, que nos leva a dizer que o conhecimento do que é ser, é neste caso o que encontramos e compreendemos, enquanto sua “posição” no mundo. Uma característica dês veladora que determina o conhecimento efetivo do mundo como verdade em seu desvelar.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, Angela. **Introdução à fenomenologia**/Ângela Ales Bello; tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc, 2006.

DURANT, W. **Filosofia da Vida**; tradução Monteiro Lobato. Segunda Parte; Lógica e Epistemologia; O mistério do Conhecimento, pp26-33. Edição Companhia Editora Nacional Vol. 2. Série 1ª. -São Paulo, 1984.

GUERIZOLI, Rodrigo. “**Compreensão do ser**” como barreira ao outro? :Lévinas, ser e tempo e o segundo Heidegger. Natureza humana.[online].2005,vol.7,n.1,pp160-175.UFRJ,1984.

HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo, Nova Cultural,Col. Os Pensadores,1989.

_____. **Ser e Tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Janeiro, RJ: Editora da UNICAMP: Vozes, 2012.

_____. **Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade**; trad.Emmanuel Carneiro Leão; ver. Trad. Renato Kirchner. -Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

_____. **Conferências e escritos filosóficos**/Martin Heidegger; tradução e notas Ernildo Stein. -São Paulo, Nova Cultural, Coleção, Os Pensadores, 4ª edição, 1989.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PLATÃO. **A Republica** . Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2001.

REIS. José. **O tempo em Heidegger : a temporalidade originária**. Revista Filosófica de Coimbra – nº 28, 2005, p.370-372

SÁ, Alexandre Franco. “**Finitude e Liberdade na Confrontação de Heidegger com Kant**”.

Coleção: LUSOSOFIA; Universidade da Beira Interior Covilhã. Coimbra 2009, em 10 de jan. 2013. http://www.lusosofia.net/textos/sa_alexandre_franco_de_finitude_e_liberdade.pdf >.§§. 1, 2, p.7-14.

SEIBT, Cesar Luiz. **A Temporalidade e propriedade em Ser e Tempo de Heidegger**. Rev. Filosofia, Aurora, Curitiba, v. 22, n. 30, p. 247-266, jan./jun. 2010.

SIQUEIRA, B. **A História da Filosofia**, organização e texto final/Bernadette Siqueira. Cap. 3. A Complexidade do mundo; Heidegger e o Sentido de Ser. Ed.: Nova Cultural - São Paulo, 2004, p.452-455.